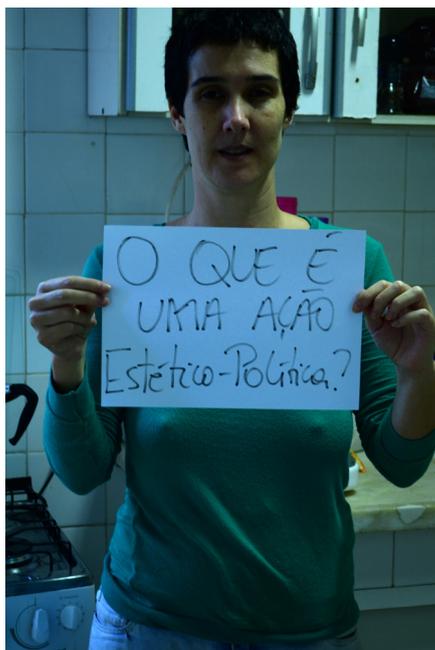






Coletivo 28 de Maio > **o que é uma ação estético-política?  
(um contramanifesto)**

> Coletivo de ações estético-políticas, constituído pelxs professorxs doutorxs **Jorge Vasconcellos**/ Deptº de Artes e Estudos Culturais- Universidade Federal Fluminense/ **UFF & Mariana Pimentel**/ Deptº de Teoria e História da Arte-Universidade do Estado do Rio de Janeiro/**UERJ**. Ambos são professorxs, pesquisadorxs e orientadorxs no Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes/ **PPGCA** da Universidade Federal Fluminense/**UFF**. Lideram o **Grupo** do Diretório **de Pesquisa** CNPq práticas estético-políticas na arte contemporânea, certificado pela UFF. Jorge e Mariana vivem e atuam na cidade do Rio de Janeiro. Denominam-se teóricxs-ativst@s.



**Fig. 01:**  
 "O que é uma ação  
 estético-política?".  
 Residência, Leme-Rio/  
 RJ. Outubro de 2015.  
 Crédito: Ítala Isis

Estamos propondo uma noção-expandida ao campo da teoria da arte. Mais que um conceito, talvez uma prática. Essa noção dialoga com as práticas performáticas e performativas identificadas com o campo ampliado das artes, mas também se encontra aquém e além dessa delimitação imposta pelo sistema de arte. Então, do que se trata afinal isto que aqui nomeamos de "ação estético-política"? Antes de tudo, uma ação estético-política é uma tomada de posição diante da arte contemporânea, tal qual estamos fazendo hoje. É uma tomada de posição estritamente política, não ideológica; o que pode ser considerado, talvez, muito curioso. Fazer algo que é político e não ideológico num momento em que as ideologias voltaram com outro nome. Nome que sequer nos interessa aqui dizer qual é. De todo modo, uma ação estético-política é antes de tudo anticapitalista, ou seja, é uma ação contra o mercado de artes, uma *contra-arte*. Então estamos nos inserindo em pleno debate com o sistema de artes. Nós não estamos ignorando o sistema de artes. Não estamos ignorando a história da arte, as teorias da arte, uma filosofia da arte ou uma estética, quaisquer que sejam elas. Nós estamos provocando um debate a partir das questões que se colocam na urgência da nossa atualidade. Que urgência ou urgências seriam essas? Não importa mais se somos ou não artistas, ou se isto é arte ou não, mas quais as redes construídas, as zonas de risco e os efeitos quaisquer que são possíveis de causar e de nos afetar: nós, os outros e toda uma comunidade por vir. Essa é uma questão que hoje nos colocamos, enquanto professorxs teóricxs, educadorxs, pensadorxs, ativistas e pessoas interessadas em problematizar que vida é essa que levamos; e, principalmente, como transformá-la. Em nosso entender, uma ação estético-política é uma prática que pode ser realizada por qualquer pessoa. Que não precisa ter um bacharelado em arte, um doutorado em filosofia, um brevê de piloto, ser um jogador profissional de futebol ou ser uma pessoa *foda*. O que nos interessa é exatamente isso: **TODA E QUALQUER PESSOA É CAPAZ DE FAZER UMA AÇÃO ESTÉTICO-POLÍTICA**. Isso é da ordem da práxis, que não se confunde inteiramente com o sentido de prática.

Práxis é mais que isso, é uma relação entre teoria e prática no sentido mais radical possível. Não se confunde com um processo artístico qualquer. Então, confunde-se com o quê? Confunde-se com uma tomada de posição em que pensamento, ação e fazer se fazem o mesmo, a um só tempo. Simultaneamente... uma ação estético-política é arte sem artista. Mesmo que sejam artistas que a realizem, isso pouco importará, pois o que importa é justamente quando se instaura, por intermédio da ação, uma zona de indiscernibilidade, uma zona de risco (não de perigo, que fique claro) que não nos permite saber de fato do que se trata: arte ou protesto? arte ou crime?... uma ação estético-política é borda, fronteira de risco, abismo... *amor fati!*

Uma ação estético-política é da ordem das práticas. De todo modo, a prática, melhor dizendo, a práxis estético-política deve ser posta como ponto axial de nossa orientação de pesquisa em arte. Isso porque pode parecer para quem está nos lendo, pensando conosco, que nós estamos renegando ou negando as teorias. Renegando aquilo que fomos e negando um *status* que está posto no mundo universitário, acadêmico, no caso, filosófico, já que nós somos, pensamos a partir do pensamento filosófico europeu ocidental, não é isso? Não, não é isso!!! Pesquisamos privilegiadamente a partir da filosofia francesa contemporânea, muitas vezes apelidada de pós-estruturalismo, especialmente Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Rancière, mas não só... Outras vozes autorais e desautorizadas também estão conosco: o terrorismo poético e a arte sabotagem de Hakim Bey; a contrassexualidade de Paul B. Preciado; a contra-arte e a arte guerrilha de Frederico Moraes e Luis Camnitzer; o conceitualismo latinoamericano de Mari Carmen Ramirez. E mais, os corpos e o vozerio que insurgiram das Jornadas de Junho de 2013 por todo o país. A despeito disso tudo, nós estamos pensando outras coisas, de outros modos, por outras vias e orientações geográficas no plano do pensamento. E essas outras coisas nos remetem também a pensar a filosofia; como diria nosso velho Deleuze, saindo dela. Então, o que de fato estamos querendo dizer? Estamos tentando pensar a relação entre ação e ato.

Partamos de uma premissa: uma ação não se confunde com um ato. Então, mesmo que Deleuze tenha escrito um dos mais extraordinários textos voltados para arte em nossa atualidade, *O Ato de Criação* (conferência de 1987), ainda assim temos muitas ressalvas. Isso porque a ideia de ato remete não só a um sujeito que precede e realiza o ato, mas também a um momento inaugural instaurado por esse ato criador (ainda o velho Novo). Não se trata aqui de ato nem de criação. Nem mesmo de ato criativo, como propõe Duchamp em seu célebre texto *O ato criativo*, centrado demais na figura do artista (último resquício da arte moderna a ser demolido?). Trata-se de outra coisa. Do que é que se trata? De produzir ações, não é mesmo? Porque o ato de criação, o ato criativo ainda nos parece muito associados a um determinado resquício perverso, a um resíduo, a um vestígio de um determinado gênio criador. Não importa se esse gênio se transformou em um espírito livre, se esse gênio se transformou num aristocrático, não importa se esse gênio se transformou num dionisíaco – essas metamorfoses do espírito, tal qual Nietzsche o pensou.

O que importa é que esse gênio não existe. Todos somos capazes de produzir ações porque nós agimos. Nos ensina o incontornável texto de Félix Guattari, “Somos Todos Grupelhos” (*Revolução Molecular, pulsações políticas do desejo*), que precisamos agir, militar, no sentido de militância. Que nós hoje ressignificaríamos como ativar, ser ativista: Ativar, ativar... Ativismo é agir. Estamos tentando agir. Em que práticas? As práticas nas quais nós nos concernimos. Estamos concernidos. Que práticas são essas? As práticas pedagógicas no seio de uma universidade elitista, branca, racista, heteronormativa, que é a universidade pública brasileira. Denominaremos doravante essas práticas não mais de pedagógicas, mas de práticas contrapedagógicas. Isso porque é no seio desse lugar eivado de preconceitos que nós estamos tentando ativar, agir. Então ativismo é agir, como professorxs, pensadores, teóricxs e – por que não? – também como “artistas”, com todas as vírgulas, aspas possíveis as quais podemos criar.

Retomemos. A ideia de ação é bem diversa do que seria um ato. O sentido o qual formulamos aqui para pensar ação em seu sentido estético-político não remete a um sujeito, a um sujeito determinado que engendra uma ação. Por isso pode-se dizer que a ação é realizada por *um/a-qualquer*, uma indeterminação. Ativa-se, pronto. Tornando, assim, possível que *um/a-qualquer* em qualquer lugar se conecte com isso e realize essas e outras ações daí derivadas, ou não.

Em outra medida é preciso dizer que aqui não se trata de um processo estético-político, mas de uma ação estético-política. Logo, importa também diferir ação e processo tanto quanto estamos distinguindo ato e ação. Entendemos que, por mais que o processo seja criativo, por mais que ele não esteja diretamente ligado a um ideário dialético de construção que implique tese, antítese e síntese, ainda assim o processo implica um começo e um fim. Todo processo se inicia, medeia-se por intermédio dos mais variados encontros e se finaliza. Distintamente do processo que implica um sentido teleológico, a ação é da ordem do acontecimento. Sendo assim, ela (a ação) não está necessariamente submetida à ordenação do tempo cronológico, mas é consonante a outro tipo de temporalidade, a um tempo serial, aiônico; tempo sobre o qual não temos nenhum controle. Porque o processo é do controle do artista. Tanto que seja o processo do artista, seja o processo do grupo, seja o processo do coletivo. Quando falamos de uma ação, por mais que possamos relacioná-la a um artista, a um grupo, ou a um coletivo, o que está em jogo é o campo de forças que ela ativa... os efeitos que ela produz no campo social e sua capacidade de ser reapropriada, serializada... daí porque, para nós, o campo do *socius* é incontornável. O artista cede lugar aos efeitos que sua ação produz sobre o campo social, inclusive sobre a instituição arte. Uma ação-estético política incide e embaralha a partilha do sensível vigente dando ensejo ao que denominamos um dispositivo de subjetivação artista. Isto é, à possibilidade de invenção e experimentação de outros modos de vida. Abandona-se a frivolidade da vida artística pelo combate da *vida artista*, como diria Foucault. Dito desse modo, o artista não aparece, ele desaparece, ele almeja o anonimato. Por isso podemos dizer que, para

nós, a tática bloco negro é uma ação estético-política, arte sem artista que pode ser acionada por qualquer um em qualquer lugar: inserção (anônima) em circuito ideológico. Esconder-se por via de máscaras, coreografar os movimentos em meio às manifestações, atacar os símbolos capitalistas. Elxs aspiram ao anonimato... Isso porque afirmamos que, numa sociedade que prima pela celebridade, o anonimato é uma grandeza de espírito.

### NOTAS do Coletivo 28 de Maio

1ª. Muito se fala entre nossos pares acadêmicos das novas possibilidades da escrita teórica/filosófica/literária, seja para produção de monografias, de dissertações, de teses, de artigos. Entretanto, acreditamos que esse certo clamor de que nós, professorxs/pesquisadores/teóricxs, precisamos renovar nossas práticas de pesquisa e escrita tornou-se uma cantilena, muito mais que ações reais nas universidades brasileiras. E isso porque o foco é a produção discursiva e não as condutas que orientam nosso fazer acadêmico, isto é, as relações de saber-poder que a Universidade entretém entre aqueles que a habitam, mas, antes de tudo, com seus *objetos* de estudo e mesmo com o campo social que é, em última instância, seu alvo de ação. Dessa forma, o que temos experimentado e realizado nos últimos dois anos é o que, na esteira de Michel Foucault, podemos denominar de contracondutas pedagógicas: como denominamos essas práticas pedagógicas que implicam em relações horizontais e de equivalência entre professorxs, pesquisadores e estudantes. Mas também práticas de contraconduta acadêmica, pois a horizontalidade e a equivalência que pautam as relações entre nós e os estudantes de graduação e pós-graduação, forçam e instauram outra relação igualmente horizontal e equivalente com os sujeitos (e não objetos) de nossas pesquisas. Daí que estamos, como dois professorxs pesquisadorxs da área de arte de duas universidades públicas brasileiras (UFF e UERJ), constituídxs aqui como um Coletivo – **28 de Maio** –, propondo este texto. Na verdade, o que xs leitorxs têm em mãos é a tentativa de traduzirmos para uma publicação acadêmica essa experiência contrapedagógica que realizamos em uma residência artística/espço de arte no bairro da Glória na cidade do Rio de Janeiro: Espaço Capacete. Na ocasião, durante todo o dia, juntamente com a turma de pós-graduação estivemos mobilizadxs com o Evento. Desde a manhã: compramos colaborativamente em uma feira livre próxima à nossa casa coisas para um almoço que faríamos comunitariamente, no qual os debates e a forma como realizaríamos a ação no Capacete seria decidida e construída coletivamente, inclusive o vídeo que apresentamos na ocasião. A ação no Capacete deu-se da seguinte forma: um vídeo, este vídeo-ensaio cuja primeira parte está sendo aqui transcrita, passou em uma tela; os dois propositores sentaram-se um em cada lado do espaço onde o vídeo era exibido; uma outra tela exibia ações de outrxs coletivxs e artistas/ativistas afinadxs com nossas práticas estético-políticas, como por exemplo o Coletivo **Seus Putos/RJ**, o **Movimento Cidades (in)Visíveis/RJ**, **Batman Pobre/RJ**, **Liz Parayzo/RJ**, os quais junto conosco tomaram também a

palavra, fazendo intervenções ao logo do Evento. O público acompanhava os vídeos, interrompia as falas e inquiria xs propositors; ele, o público, andava, comia e bebia, quase como em uma festa, com certeza como em um happening... deixando assim de ser público para ser coparticipante das atividades. Este texto/artigo/ensaio nos serve e é endereçado a todxs e a ninguém, como espécie de contramanifesto, ao que o **Coletivo 28 de Maio** formula, por intermédio de seus teóricxs-ativst@s: O QUE É UMA AÇÃO ESTÉTICO-POLÍTICA?

**Fig. 02:**  
"O que é uma ação estético-política?".  
Espaço Residência Artística Capacete,  
Glória-Rio/RJ.  
Outubro de 2015.  
Crédito: Ítala Isis



**2ª.** À pergunta "O que é uma ação estético-política?" é preciso esclarecer axs nossxs leitorxs o que(m) é o **Coletivo 28 de Maio**. Por que precisamos criar um coletivo? Queremos nos apresentar como artistas? Ativistas? Ou o quê? Por que dois professores universitárixs não podem (ou não querem), simplesmente, assinar seus textos em dupla como muitos já o fizeram? Porque o que aqui está em jogo não é a construção de um problema teórico comum, mas, antes, a necessidade de invenção de outros modos de produção da teoria. E mais que uma questão de estilo de escrita, o que está em jogo é uma questão de práxis teórica. Trata-se de enfrentar os atuais dispositivos de saber-poder que determinam e delimitam o que é teoria por meio da invenção de outras práticas e ações teóricas. Mas por que um coletivo? Porque por intermédio de um coletivo podemos praticar teoria de forma autônoma às regras acadêmicas, tanto dentro como fora da Universidade e, principalmente, porque o coletivo nos permite escapar da função-autor-teórico em prol de uma assinatura heterônima, pois se deixa atravessar pelos corpos e forças com as quais entramos em relação. E ainda radicalmente falando, com isso, procuramos escapar de um falar sobre, além de também não nos propormos um falar com, de modo nenhum interceder em nome do outro. Mas, isso sim, falar sob o efeito (ataque) daquilo que nos acontece e que nos força a nos vincular ao outro no seu modo singular de disposição prático-discursiva. Questão de Vínculo Afetivo. E é por isso que no ano de 2014 tivemos que nos (re)inventar enquanto coletivo, **Coletivo 28 de Maio**. Só assim estaríamos à altura do que nos aconteceu naquele dia 28 de maio de 2014: o acontecimento "Xereca Satânica". Mas, atenção, essa data é mais, muito

mais que um marcador cronológico dessa ação, nomeada equivocadamente pela imprensa de performance. Essa data é a marca de uma virada prática em nossas vidas de professorxs e teóricxs universitárixs, pois ali foi toda a nossa formação, a partilha do sensível que determina o praticar da teoria universitária que se pôs em xeque. Como defender o que ali se deu por meio de uma prática teórica que é o seu avesso? Como entrar numa disputa para defender o valor artístico daquela ação se não há por parte do corpo coletivo que a realizou essa mesma reivindicação? Pelo contrário, o esforço ali é justamente o de libertar-se da pecha de artista ou do reconhecimento da ação como um trabalho de arte – e daí justamente a sua potência desestabilizadora. Como delimitar a autoria de uma performance, mesmo que sob uma assinatura coletiva, se o que ali está em jogo é modo de vida (*devir-coiote*)? E como falar, escrever e teorizar esse modo de vida sem vivê-lo? Sem se deixar por ele atravessar e permitir que ao menos algumas das balizas que sustentam nossas vidas institucionalizadas sejam quebradas? Acreditamos, enquanto professorxs, que a Universidade Pública é ainda um lugar de disputa, assim como o campo da arte, mas acreditamos também que essa disputa só ganha sentido político quando se abre às forças minoritárias que batem à sua porta ou mesmo que tentam arrombá-la. Não há disputa entre iguais, mas construção de consenso, o que definitivamente não nos interessa. Queremos o dissenso!!! Procuramos problematizar a partilha do sensível vigente entre nós. Talvez para tal seja preciso, antes de tudo, permitir-se tomar umas *porradas* (umas boas *porradas* da vida). Bem, a criação do **Coletivo 28 de Maio** se deu em resposta tanto ao massacre midiático que sofremos, mas antes de tudo devido ao impasse ético-estético que a relação com o coletivo Coiote nos impôs e nos impõe (eles sabem bater!). Portanto, mais que falar sobre ou falar com, o que nos propomos com a prática do **Coletivo 28 de Maio** é, antes de mais nada, tornar-se um pouco Coiote, deixar-se atravessar por um *devir-coiote*.



**Fig. 03:**  
"O que é uma ação  
estético-política?".  
Espaço Residência  
Artística Capacete,  
Glória-Rio/RJ.  
Outubro de 2015.  
Crédito: Ítala Isis

**3ª.** O que foi a suposta performance denominada de “XERECA SATÂNICA”? 28 de Maio de 2014: essa é a data do evento acadêmico *Corpo e Resistência* Seminário de INVESTIGAÇÃO & CRIAÇÃO do Grupo de Pesquisas/CNPq práxis estético-políticas na arte contemporânea. Primeiro evento que realizamos de forma equivalente e horizontal. Cada um dos organizadores e participantes teve o mesmo tempo de fala, 30 minutos para apresentarem suas pesquisas. Assim, era a programação: das 15h às 17h30 apresentação das pesquisas e conversa em uma das salas do CURO (Campus Universitário de Rio das Ostras); às 18h, ação do Coletivo convidado; 21h, festa de confraternização na área externa do Espaço Multiuso. No entanto, ao conhecer o local do Evento, o coletivo Coiote pediu para fazer a ação durante a festa de confraternização e não às 18h em local interno do CURO, o que foi aceito de imediato por nós. Assim, por volta das 22h tem início a ação do Coletivo Coiote junto com o Anarco Funk. (Um pequeno aparte necessário para esclarecer a conjuntura da ação: 1 – ninguém sabia o que eles iriam fazer: foi-lhes dado um tema, o alto índice de estupro na cidade de Rio das Ostras; foi-lhes dado total liberdade para realizar sua ação. 2 – todas as estudantes organizadoras do evento de uma forma ou de outra estavam vinculadas às lutas feministas, daí o nome que escolheram para a festa, *Xereca Satanik*). Assim, por volta das 22h tem início a ação do Coletivo Coiote em parceria com Anarco Funk. A bem da verdade, a ação já havia começado muito tempo antes, pois toda a preparação de seus corpos e de demarcação do território onde a ação iria se dar já estava acontecendo desde mais cedo. Aliás, podemos dizer que a ação começou quando aceitaram vir sem verba para Rio das Ostras... Mas tomemos como início o momento em que a roda se fechou e os componentes da ação tomaram um lugar demarcado. Um corpo masculino coberto de lama e ladeado por uma cabeça de caveira estava agachado ao pé de uma amendoeira diante de uma fogueira. Outros três corpos femininos cantavam e batucavam, em material improvisado, músicas de protesto e resistência criadas coletivamente durante a Aldeia Maracanã e as Jornadas de Junho de 2013. Esses cantos foram ganhando força e produziram uma espécie de transe performativo naqueles corpos que os entoavam. Foi quando um dos corpos femininos deitou-se sobre uma mesa, que estava diante da árvore, abriu as pernas e enfiou uma bandeira do Brasil em sua vagina a qual foi imediatamente costurada por outro corpo feminino numa menção direta e crua à violência de Estado que os corpos femininos sofrem até hoje no Brasil. Mas esses corpos se unem e enfrentam a violência de Estado: num gesto rápido e forte o corpo estuprado arranca a costura e retira a bandeira lá de dentro. Não tem arrego! Contra a violência de Estado, a força da resistência radical feminina. Sangro para resistir. Teatro da crueldade contemporâneo. A bandeira é queimada e em seguida escarificações são feitas nos corpos femininos ali presentes. Marcas de luta, marcas de resistência. Exaustos, os corpos se retiram. Ficamos ali, atônitos sem ter o que dizer.

Uma lástima que tanta tagarelice e tanta tolice sobre isso foi dita. Ainda bem que soubemos nos calar e desaparecer, a despeito da insistência de nossos pares para que falássemos.

Mas, agora, aqui estamos: não para falar exatamente sobre o assunto, mas para apresentar os efeitos que esse encontro produziu sobre a nossa prática teórica.

**Fig. 04:**  
Ação performática  
"Xereca Satânica".  
Espaço Multiuso,  
Campus Universitário  
de Rio das Ostras/  
CURO da Universidade  
Federal Fluminense/  
UFF. Dia 28 de  
maio de 2014.  
Crédito: autor anônimo



## Referências

- BASBAUM, Ricardo. **Manual do artista-etc**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- BEY, Hakim. **Caos: terrorismo poético e outros crimes exemplares**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.imagemundi.com.br/cultura/caos.pdf>
- \_\_\_\_\_. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.
- CAMNITZER, Luis. Arte contemporânea colonial. In: FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (orgs.). **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p. 266-274.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Obras**.
- GUÉRON, Rodrigo e VASCONCELLOS, Jorge. depois de junho... o que nos resta fazer? ações estético-políticas! (notícia de um Brasil insurgente: as manifestações de junho-2013 e a reação microfascista a elas). **Revista ALEGRAR**, Ouro Preto-MG: n. 15, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Obras**.
- MORAIS, Frederico. Contra a arte afluyente: o corpo é o motor da "obra". In: COHEN, Sérgio (org.). **Ensaio Fundamentais: Artes plásticas**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010, p. 123-131.
- O que é uma ação estético-política? Direção: Coletivo 28 de maio. Rio de Janeiro: Grupo de Pesquisa práticas estético-políticas na arte contemporânea, 2015 (17 min). Disponível em: <https://www.facebook.com/397266677145068/videos/417925865079149/>
- PIMENTEL, Mariana. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade estética ou JR. In: **Anais do Encontro Nacional da ANPAP 2011**, CD-ROM, Rio de Janeiro, 2011.
- PIMENTEL, Mariana. Fabulemos! Ou como resistir à ficção. In: GALO, Silvio *et alii* (org.). **Conexões: Deleuze e Política e Resistências e...** Petrópolis: Editora De Petrus, 2013, pp. 173-185.
- PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2015.
- RAMIREZ, Mari Carmen. Táticas para viver da adversidade. Conceitualismo na América Latina. **Arte & Ensaio** – Revista do PPGAV-EBA-UFRJ, n°. 15, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. **Obras**.
- VASCONCELLOS, Jorge e CASTELO BRANCO, Guilherme. **Arte, Vida e Política: ensaios sobre Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Edições LCV/SR3?UERJ, 2010.
- VASCONCELLOS, Jorge. A anarquitectura de Gordon Matta-Clark: autonomismo político e ativismo estético. **Arte & Ensaio** – Revista do PPGAV-EBA-UFRJ, n°. 25, maio 2013, pp. 88-99.
- VASCONCELLOS, Jorge e ROCHA, Isabelle. Práticas artísticas na rua e ativismo político: entre fronteiras e continuidades. In: PUCU, Izabela *et alii* (org.) **A cidade em obras: imaginar, ocupar, redesenhar**. Publicação do Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica. Rio, 2015, pp. 66-73.